

# Fern

José Luiz Pereira da Costa

*Her nose was aquiline, Semitic. If you have heard a Jewish cantor sing, if he has touched you and made your own sorrow trivial when compared with his, you will know my feeling when I follow the curves of her profile, like mobile rivers, to their common delta. Jean Toomer.*

Ninguém conseguia imaginar, certo, de onde viera aquele nome, Fern. As pessoas sequer sabiam de onde chegaram, ela e seu pai Alberto. Mas era como esse suposto ex-marinheiro de longo curso a chamava, e o modo com que todos a conheciam. No mistério que envolvia Fern, das conversas deitadas despreocupadas num certo café onde o nome judaico se confundia, no linguajar dos rapazotes, com uma das características daquele lugar de grandes mesas de bilhar – Feddor – havia o registro de um habitué da zona, o Yossele. Esse Zequinha, vendo-a aquela vez, caminhando em direção à Colônia Africana, onde residia, sentenciou para outro companheiro do gueto e de solidéu: “Olha só, o nariz dela é semítico”. E arrematou, meio intrigado, mas convicto: “Ouvindo um cantor judeu, se ele tocou teus sentimentos, de forma a tornar trivial tua dor, se comparada com a que ele expressa – tu vais entender o que sinto, quando sigo as curvas daquele perfil, sinuoso como rios serpenteantes, confluindo a seu delta comum”.

Interessante que, onipresente, no universo ficcional que cria, o narrador pode afirmar que o pai de Fern tinha lá suas razões quando escolheu, numa longa estada em Southampton, da qual resultou ver a finalização de um grande navio adquirido pelo Lloyd Brasileiro – em que seria contramestre – e o nascimento de uma menina, filha sua e de uma etíope, de falas amárica e italiana. Nesse tempo, o pai de Fern andarilhou pelas ruas e vielas da metrópole portuária inglesa, encontrando companheiros marujos de muitos cantos do mundo. De um americano tomou conhecimento dos contos e histórias de conterrâneo seu, Jean Toomer, destaque no movimento literário dos negros americanos, o Renascimento do Harlem. Yossele iria viver muitos e muitos anos ainda, além dos que já desfrutara. Ao longo de toda sua existência, contudo, jamais ouviria falar de Jean Toomer, tampouco do encontro desse com sua Fern; muito menos da metáfora tortuosa das pernas da negra semítica, qual rios em busca do ansiado delta.

Nos seus dezoito anos de vida, Fern era realmente uma bela e fascinante adolescente. Tez azinhavrada – não era do tipo que comumente chamam de morena, de pele clara e cabelos de fios finos, negros e lisos, geralmente muito longos. Talvez fosse do tipo de que falam os Cantares de Salomão. Tampouco era a decantada mulata, de pele em dégradé ao escuro, e de cabelos crespos rijos. Também não era sarará, lá no hemisfério norte chamada de *yellow*, com sua pele amarelecida, quase branca, mas de cabelos ínvios, fortes, grossos. E dizíamos, meninos endiabrados, na Colônia Africana ou no profundo Sul negro dos Estados Unidos, *sarára do ânus vermelho*.

A paixão semítica de Alberto poderia ter irrompido a partir de um olhar de Abeba – todavia, ela e as amigas que a acompanhavam na modesta clínica de Southampton, tinham o hábito secular de não encarar homens, muito menos um estranho, que saberia adiante, quando finalmente Alberto pode abordá-la, era um

estrangeiro de sotaque arrevesado – além de tudo, um cristão. Mas, foram dois segmentos das pernas da etíope, descuidadamente à mostra por uns instantes, que turbilhonaram seus pensamentos, imprimindo-as, de forma indelével, qual em chapa fotográfica atingida pela luz: tornozelos rococó, suportando canelas finas e geneticamente sem penugens. Impressionara-se Alberto, não havia sequer um fiozinho de cabelo naquela cúprica flexiosidade, que era o corpo visível de Abeba. Para ver, e alisar, mãos trêmulas e sequiosas, as roliças e azeitonadas coxas que partiam joelhos acima, Alberto pagou um preço de valor nunca bem avaliado. Perdeu o navio recém posto ao mar, e a duramente conquistada condição de contramestre, numa marinha que mal-assimilou e revidou João Cândido. Viu-se exilado em Southampton, com Abeba, sua flor, grávida. Assistiu, impotente, a um parto infeliz. Assumiu, com resignação, o papel de pai-viúvo. Construiu um arremedo de vida, num *slum*, gueto de paupérrimos em Southampton, fazendo renda o bastante para sobreviver com sua bela Fern, que ia crescendo. Adina, uma tia etíope, entrou e saiu na vida de Fern e, ora ajudou, ora infernizou sobrinha e cunhado nos longos invernos ingleses. Foi tempo o bastante para valores excêntricos para Alberto serem introduzidos na cabeça em formação de Fern. Havia sido uma batalha, na depressão da morte prematura, enfrentar a tia desejando ver o rito da circuncisão ser cumprido, no oitavo dia do nascimento de Fern. Vergara-se às dietas estritas dos semitas. Atenderam ao rigor do sabá.

Dez anos depois, muitas mudanças políticas no Brasil, e viu-se reintegrado à Marinha Mercante, com direito a levar para a pátria distante sua querida Fern.

Na Colônia Africana, moravam Fern e seu pai num chalé de madeira com a fachada em alvenaria. Casa confortável, na rua Esperança – lá em cima – na parte alta da via que se endereçava ao bairro nobre da cidade emergente. Novos mandantes no Lloyd e aconteceu com Alberto algo que estrangeiro algum entenderia, especialmente seus vizinhos do gueto em Southampton – foi readmitido no Lloyd; recebeu salário dos anos que esteve afastado, o que representou um considerável pé-de-meia, bastante para a compra da casa na Colônia. Uns poucos anos adiante, aposentou-se com uma bela pensão. Tinha o que todos os seres mereceriam em seu ocaso – *ocium cum dignitatis!*

O processo de adaptação de Fern à Colônia, chegara com dezesseis anos de idade, dera-se com procedimentos normais, vindos dos vizinhos, curiosos, porém gentis; os recém chegados, discretos, mas também solícitos. Para Fern havia o obstáculo da língua que era imperfeita em português, deficiente no italiano que absorvera da tia etíope, inútil o inglês que, ali, ninguém, além de seu pai, entendia. As meninas de mesma idade fizeram aflorar o espinho que provocaria, verde ainda, as primeiras irritações em Fern. Era diferente das outras, por sua cor de cobre, por seus cabelos lisos, por seus lábios finos e seu nariz aquilino. Razões surgiram, então, para as críticas, baseadas simplesmente no preconceito.

Fern não se abalou. Em dois anos, fluía no português, ainda que carregado no sotaque. Conseguia relacionar-se com um modesto punhado de moças. Uma dessas, causou intenso diz-que-diz-que, depois de uma visita à casa dos estrangeiros, como eram chamados, à boca-pequena. Viu amuletos que lembravam a casa de um pai-de-santo, Fortunato, vivendo lá para os lados da Ilhota. Isto não seria de todo incomum, porque a Colônia Africana era infestada de babás. Extraordinário, porém, foi a visão de um castiçal igual ao que havia na casa dos pais de Yossele, e de outras casa de judeus emergentes, para os quais entregava a roupa lavada por sua mãe. E era mais bonito do que os das casas judaicas no gueto do Bom Fim.

Mas a notoriedade que Fern passou a experimentar não foi oriunda de um sincretismo avançado em décadas. Era um outro tipo de amalgamação que iria irritar profundamente as meninas da Colônia e fazer com que Fern definitivamente caísse na boca do povo.

Ela passou a se encontrar com um número crescente de jovens da sua idade, sem repressão à força interior de seus hormônios. Viviam, os moradores da Colônia, naquele tempo, um momento de retorsão ao desregramento coercitivo da senzala. Originários de famílias naturais, buscavam, os filhos dos libertos, a rígida organização familiar, tutelada pela Igreja e o Estado. O casamento civil e religioso eram um imperativo. A virgindade feminina, outro. Assim, estigmas os mais diversos eram inculcados às moças liberais, que cediam à força dos instintos, e não eram espertas o bastante para esconder o defloramento. Fern não tinha este tipo de preocupação. Viera de uma sociedade com pensamento diverso, quanto a relacionamento sexual, amplo e irrestrito, já na *secondary school*, da verde adolescência.

Fern era uma fonte ininterrupta e inesgotável de amor, de prazer, de lascívia. Sabia e fazia coisas, nos desvãos escuros, ou mesmo à luz do sol, nos terrenos baldios, inúmeros naquele tempo, pouco transitados; à sombra dos eucaliptos, ao abrigo dos cinamomos, nos bosques sem conta. Os corpos de seus jovens amantes, qual cordeiros imaculados, eram sacrificados no altar da luxúria – antes tornados tenros com carícias inimagináveis, então. Na sua insaciedade, Fern fez eclodir paixões que, umas, se transformaram em amores não correspondidos. Mesmo, a tentativa fracassada de suicídio, foi a quase tragédia de um fim de caso.

Fern chegara, agora, aos dezoito anos, sem qualquer tipo de preocupação relativa a matrimônio e filhos. O mesmo não ocorrera com alguns dos seus parceiros – queriam o casamento, na ânsia da propriedade, do exclusivo. Apesar de sua ativíssima vida sexual, a natureza e ensinamentos liberais do mundo onde nascera, também de Adina, a mantinham distante de gravidez indesejada.

No dia em que Yossele a viu outra vez, e fez o comentário a seu amigo, repetia um processo de martírio que o vinha obsedando: as curvas e o delta de Fern. Apesar da tintura exterior, daquela cor contrastadora à de seu mundo, Yossele sentia, fundo em seu ser, que algo indefinido o atraía para aquela mulher. Desde o primeiro dia em que a viu, não houve a noite em que não ingressou no vazio do adormecer, senão que com as imagens de Fern. Inúmeras, também, as noites em que com ela sonhou, e tantas às em que poluções noturnas aplacaram a força de sua libido. Quando essas ocorriam, sentia-se como Onã.

Foi senão o acaso, senhor desses eventos, que fez Yossele chocar-se com Fern, quando ela andava pelo Caminho do Meio, e ele descuidado se esgueirava porta afora, após insucesso no pano verde do Feddor. Ajudou a juntar as coisas que se precipitaram ao solo, as compras nas lojinhas do gueto, e entabulou desajeitada falação. Teve sucesso, Fern se dispôs aceitar a ajuda e não reclamou quando ele encostou, ao lado, mantendo, com esforço, um mal-posto assunto.

A conversa alinhou-se. Surpreso, Yossele foi descobrindo algo mais em Fern do que as curvas de seu corpo e o delta de sua desabrida imaginação. A caminhada entre o Feddor e à rua Esperança – lá em cima – compreendia um bom pedaço. Assim, o tempo de conversa foi bastante para que se formasse um temporal no cérebro daquele neto de emigrantes russos, filho de judeus brasileiros, daquele jovem seguidor da fé talmúdica, em fermentação para ser futuro depositário de tradições culturais hebraicas. A conversa resvalou, das obviedades do dia-a-dia,

para coisas de religião. Surpreso, intuía que a jovem de fala arrevesada, que lhe dava um encanto a mais, não desconhecia o tema abordado.

Yossele voltou a procurar Fern, com pleno consentimento dessa. Para maior agitação na Colônia, viram o leitoso e levemente obeso judeu, com o solidéu distintivo, ingressar na casa de Alberto, para fazer corte à fácil Fern. Encontraram motivos comuns na religião irmã que professavam. Yossele resistia à mistura de leite e carne numa mesma refeição; também argüiu durante muito tempo contra amuletos e outros fetiches; buscou compreender, de Fern, a religiosidade dos falachas – e disse, apaixonado, entender o caimento de Salomão. Fascinado, ouviu histórias passadas pela tia de Fern, do tesouro oral e escrito em Geez, dos judeus negróides da África.

Fern deu nova vida a Yossele – você já ouviu um cantor judeu? Não, não... você já viu como transformaram areia do deserto em pomares frutuoso? Assim estava Yossele, frutuoso.

Pois Fern, que dava para todo mundo, somente deu a conhecer seu delta, e Yossele antes jamais pedira, quando no leito nupcial entregou-se, por completo, e pela vida inteira.

**Junho de 2004**